

“Quanto Mais Você Me Nega, Mais Eu Me Reafirmo”: Visibilidade e Afetos na Cena Negra Periférica Paulistana

*Laura Moutinho*¹

*Valéria Alves*²

*Milena Mateuzi*³

Resumo

Este texto tem por objetivo colocar em perspectiva alguns dos debates políticos recentes que poderiam ser compreendidos como parte do que nomeamos como “marcadores sociais da diferença” e “interseccionalidade”. Tendo sido escrito por pesquisadoras que ocupam diferentes posições na vida social, na política e na esfera acadêmica, o objetivo mais amplo é o de cruzar experiências e trajetórias no sentido de produzir uma reflexão afinada com algumas ações políticas recentes sobre gênero e raça, feminismo e racismo/antirracismo e, por fim, sobre a desigualdade social. O cenário desta análise é a cidade de São Paulo, mas as experiências narradas e a análise dialogam com movimentos e iniciativas similares que vêm ocorrendo em diferentes partes do Brasil.

Palavras-chave: interseccionalidade; marcadores sociais da diferença; sofrimento; feminismo; sororidade; periferia paulistana.

1 Doutora em antropologia pelo Programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, bolsista produtividade nível 2 do CNPq.

2 Mestre em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e doutoranda na mesma instituição.

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

“The More You Deny Me, The More I Reaffirm”: Visibility and Affections In The Black Peripheral Scene In Sao Paulo

Abstract

This text aims to put into perspective some of the recent political debates that could be understood as part of what we named as “social markers of difference” and “intersectionality”. Having been written by researchers occupying different positions in social life, in politics and in the academic sphere, the broader goal is to cross experiences and trajectories in order to produce a reflection in tune with some recent political actions on gender and race, feminism and racism/antirracismo and, finally, about social inequality. The scenario of this analysis is the city of São Paulo, but the experiences narrated and dialogue with movements and similar initiatives that have been taking place in different parts of Brazil.

Keywords: intersectionality; social markers of difference; suffering; feminism; sorority; São Paulo’s periphery.

Introdução⁴

Este texto tem por objetivo colocar em perspectiva alguns dos debates políticos recentes que poderiam ser compreendidos como parte do que nomeamos como “marcadores sociais da diferença” e “interseccionalidade”. Tendo sido escrito por pesquisadoras que ocupam diferentes posições na vida social, na política e na esfera acadêmica, o objetivo mais amplo é o de cruzar experiências e trajetórias no sentido de produzir uma reflexão

⁴ As autoras agradecem as sugestões e a cuidadosa leitura realizada por Mariana Selister.

afinada com algumas ações políticas recentes sobre gênero e raça, feminismo e racismo/antirracismo e, por fim, sobre desigualdade social. O cenário desta análise é a cidade de São Paulo, mas as experiências narradas e a análise dialogam com movimentos e iniciativas similares que vêm ocorrendo em diferentes partes do Brasil.

A inspiração para escrita deste artigo veio de uma bela e tocante peça de memória, homenagem e agradecimento: “Lembrando Lélia Gonzalez (1935-1994)”, de Luiza Bairros. Diz a autora:

Quando a maioria das militantes do MNU ainda não tinha uma elaboração mais aprofundada sobre a mulher negra, era Lélia que servia como nossa porta-voz contra o sexismo que ameaçava subordinar a participação de mulheres no interior do MNU, e o racismo que impedia nossa inserção plena no movimento de mulheres. Mas através de muitas e longas conversas e dos textos dela, aprendemos como incorporar um certo modo de ser feminista às nossas vidas e à nossa militância; articulamos nossos próprios interesses e criamos condições para valorizar a ação política das mulheres negras. (Bairros, 2000, p. 348)

A face atual do feminismo que vem pautando a cena política traz uma força jovem em uma esfera inimaginável para as feministas negras que atuaram nas décadas de 1980 e 1990, como Beatriz Nascimento, a própria Lélia Gonzalez, entre outras. Através das redes sociais, de blogs e de um conjunto variado de ações vemos justamente um certo “modo de ser feminista” articulando não apenas a ação política, mas um modo de ser e de ocupar o mundo. A “sororidade” em sua dimensão política, ética, mas também prática (sempre tensa e nada simples) vem transformando e impregnando com muita reflexividade a ação política atual. Esperamos, portanto, explorar uma das dimensões centrais que dizem respeito a forma como os marcadores sociais da diferença operam: a temporalidade (Laura Moutinho, 2014). No caso específico desta reflexão, iremos ex-

plorar o tempo íntimo e subjetivo da desigualdade social e de sua transformação.

No feminismo contemporâneo, a sororidade, justamente, interpela a possibilidade de criação de um espaço de entendimento da desigualdade de gênero em uma dimensão não literalista (Vincent Crapanzano, 2001) e mais estrutural. Em outras palavras, a "irmandade entre as mulheres" tem sido uma ferramenta política potente contra formas de exclusão sobrepostas, como, por exemplo, as de gênero, classe e cor/raça. Embora possa ser expressa também em outro formato ou sentido, na "sororidade seletiva". Quando, por exemplo, o feminismo não reconhece as transexuais como mulheres. Entretanto, a sororidade trouxe outra possibilidade de se compreender a "rivalidade" entre as mulheres como uma das facetas do sexismo e de produzir transformações sociais através, senão da união, ao menos, de alianças. Vejamos as palavras de Verônica Martz publicadas no blog "Não me Kahlo":

Então vocês se aprofundaram mais ainda na questão de gênero, ingressaram em grupos feministas, debateram, desconstruíram e conheceram a palavra S O R O R I D A D E. Essa palavra tão foneticamente bonita e de um significado representativo que veio para quebrar totalmente um dos braços mais fortes do patriarcado: a rivalidade entre mulheres. Um dos mais fortes, porque é praticamente um escudo contra o verdadeiro opressor, que faz-nos lutar uma contra as outras enquanto o que tem que ser destruído - esse sistema que estupra mulheres a cada 12 segundos - está mais firme e forte do que nunca.⁵

E em seguida a mesma autora pontua:

5 <http://www.naomekahlo.com/#!/Banaliza%C3%A7%C3%A3o-do-Termo-Sororidade/c1a1n/86517300-514A-48C6-A7B3-AD5B641AAAD5>

Passada a fase da supremacia de mulher sobre mulher, agora vamos para a outra faceta mais oculta e sombria do que sororidade está se tornando. Primeiramente, meu conceito de sororidade é: união de mulheres contra o patriarcado, tática de luta contra a rivalidade feminina. Mantém a unidade de movimento, mas não iguala opressão e sofrimento. Partindo do princípio de interseccionalidade, em que opressões se somam, nem todas as mulheres sofrem apenas por opressão de gênero. Por isso, mesmo que oprimidas, mulheres oprimem outras mulheres”.

A ideia de sororidade está calcada em formas de opressão sobrepostas e pretende, portanto, ser uma reação a essa forma de sexismo. Mas a opressão e o sofrimento dela decorrente (e sofrimento é uma categoria chave neste debate), ainda que superpostos, não são iguais. Há ainda outra dimensão importante, já anunciada nos escritos de Lélia Gonzalez, emulada por Luiza Bairros, relativa à subjetividade e à (re)construção de si.

Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. **É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher.** A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres.⁶

Nas próximas páginas iremos explorar alguns aspectos tão tensos quanto ricos e importantes de algumas dessas diferentes reações políticas às múltiplas formas de opressão. Iremos expor três distintas experiências vividas e observadas pelas autoras, que nos permitirão articular aspectos sociais mais amplos com

6 <https://we.riseup.net/radfem/definindo-sororidade-marcela-lagarde>

os subjetivos, em cenários e situações de profunda desigualdade. As autoras têm diferentes inserções acadêmicas e distintas trajetórias no movimento social: a legitimidade de alguns cenários não é necessariamente intercambiável para outro, por exemplo, o que torna este entrecruzamento de visões, posições e experiências particularmente interessante. Há todo um debate acerca da ideia de “conhecimento situado” que embala a reflexão proposta. As reflexões de Donna Haraway (1995) são marcantes nesse sentido. O seguinte trecho nos foi especialmente inspirador:

Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação. Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens, isto é, aqui, na barriga do monstro, nos Estados Unidos no final dos anos 80. Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados. (Haraway, 1995, p. 18).

Assim, além de defender este “privilégio da perspectiva parcial” na produção de saberes localizados na articulação entre gênero, raça, classe e sexualidade, na análise de certas cenas sociais (Laura Moutinho, 2015), este artigo está articulado a duas pesquisas mais amplas⁷ que procuram lançar luzes sobre uma cul-

7 Os projetos “*On the other side?* Das implicações morais de certos horizontes imaginativos: raça\racismo, sexualidade, gênero e religião na África do Sul” - Bolsa de Produtividade em pesquisa nível 2 - CNPq e da pesquisa “Sob o comando de um deus racista: políticas sexuais na África do Sul”, contemplado no edital MCTI/CNPQ/Universal 14/2014.

tura militar que se inscreve em amplos domínios sociais, mas que no caso em tela vimos emergir na periferia de São Paulo, que vem, como em outros contextos, forjando uma concepção militarizada⁸ de cidadania.

Em contraste ou talvez como uma outra face de uma mesma moeda, procuramos explorar as emoções, com especial foco na afetividade, de um ponto de vista sócioantropológico, político e histórico. Esperamos assim, dar inteligibilidade a processos sociais e a construções de coletividades, identidades, sujeitos que se posicionam de modo político e subjetivo a partir de experiências de dor e sofrimento. Estamos assim operando na esteira de uma chave teórica nomeada por Patrícia Clough de *Affective Turn*: um movimento amplo que retirou as emoções da sua zona de conforto – a ordem do privado – e passou a interpelá-la enquanto uma prática discursiva, permeada por relações de poder, que conforma sujeitos, subjetividades, políticas e coletividades⁹. Do interior desse campo, inspiramo-nos muito fortemente em análises como as conduzidas por Grace Cho (2008) e, de um modo distinto, mas igualmente inspirador, por Veena Das (2007), no sentido de misturar distintas formas narrativas, autoetnografia e diferentes estilos de escrita e de pesquisa.

Esta narrativa multivocal está estruturada da seguinte forma: o texto a seguir será narrado em primeira pessoa e parte das experiências de uma das autoras, Valéria Alves, e tem como título “Cena 1: um olhar sobre a afetividade: entre gênero, racismo e múltiplos conflitos”. A esta primeira cena, seguirá outra escrita por Milena Mateuzi que nomeamos como “Cena 2: “Periferia Segue Sangrando” com gênero, raça e violência”, e a última

8 Ver sobre *ethos* autoritário e militarizado, Wilson Trajano Filho (2011)

9 Para acessar uma visão desse campo no cenário antropológico internacional, ver a entrevista com Catherine Lutz, (2012), realizada por Maria Cláudia Coelho, Susana Durão e Adriana Vianna. Para o cenário nacional o livro “Antropologia das Emoções”, escrito por Cláudia Barcelos Rezende e Maria Cláudia Coelho.

percorre experiências materializadas na linguagem, por Laura Moutinho, na "Cena 3: a periferia lança um olhar sobre São Paulo: a rede irradiações". A parte do texto na qual é usada a primeira pessoa do plural foi escrita pela autora principal e contou com os debates travados com as outras duas autoras do artigo.

Cena 1: um olhar sobre a afetividade: entre gênero, racismo e múltiplos conflitos.

Nos últimos três anos tenho acompanhado de perto uma discussão presente nas rodas de conversas de mulheres negras, nos textos desta nova geração de blogueiras, em organização de mulheres negras periféricas, em alguns trabalhos acadêmicos e na convivência diária com mulheres negras e brancas e com homens negros e brancos.

A discussão presente são as afetividades e a questão da "solidão da mulher negra" como um problema estrutural da nossa sociedade, e um chamado aos homens negros para refletirem sobre este tema. Não é novidade a discussão sobre as afetividades das pessoas autodeclaradas negras, mas o que me parece é que esta temática está se mostrando de forma mais contundente, um grave problema para mulheres negras e um conflito para homens negros, mulheres brancas e homens brancos.

Pode se perguntar: por que as afetividades estão em evidência neste momento e qual a razão de discuti-las? Respondo com uma aposta de ordem analítica: as relações afetivas amorosas entre os membros da população negra e branca, no sentido estrito da palavra, são mediadas por um tipo de racismo que sinistramente se manifesta nas escolhas das e dos parceiros conduzindo a um tipo de opção que segue os mesmos padrões de hierarquia, de beleza, de ascensão que o racismo estrutural sustenta e é reforçado no cotidiano. Isso conduz a um tipo de violência que eu nomeio como "violência afetiva".

Quem está evidenciando e intermediando essa discussão são mulheres negras que “empoderadas” das suas questões raciais, de classe, de gênero, de sexualidade, não estão permitindo que as afetividades fiquem de fora e estão rompendo com a neutralização desta violência afetiva mediada pelo racismo.

E por que refletir sobre as escolhas afetivas tem se tornado motivo de conflitos para homens negros e mulheres e homens brancos? Sugiro que o motivo é o questionamento que as mulheres negras estão fazendo sobre as escolhas afetivas, principalmente, dos homens negros chamados para a discussão e trazendo colateralmente e timidamente mulheres e homens brancos.

As experiências das mulheres negras em relação às afetividades são parecidas mesmo em diferentes gerações. Em rodas de conversa com tias, primas, amigas, tia da amiga, mãe da amiga, prima da prima, as mulheres negras apresentam praticamente os mesmos relatos sobre as suas afetividades e relações afetuosas. Os processos de construção das relações afetivas/sexuais, na maioria das vezes, são dolorosos e silenciados. Isto não quer dizer que mulheres brancas não passam por esse tipo de situação, mas no Brasil as mulheres brancas e negras e seus papéis foram constituídas e hierarquizadas trazendo prejuízos mais contundentes às mulheres negras.

Suely Carneiro (2002) aponta que ao longo do século XX a política de branqueamento, a apologia à miscigenação, a vinda dos imigrantes europeus foram formatando o lugar tanto da mulher negra como da mulher branca numa sociedade sexista e racista. Na década de 60 com as lutas de emancipação feminina, incluindo a liberação sexual, novos desafios foram estabelecidos para as mulheres negras nos campos da identidade, da sexualidade e dos afetos. A mulher branca, ou a brancura, entretanto, mantém-se como o padrão privilegiado de mulher, agora não só como modelo ideal de família, mas do ponto de vista sexual tanto para os homens brancos como para os poucos homens negros bem-sucedidos.

A autora aponta que tal situação “em instituindo a mulher negra como a antimusa da sociedade brasileira” (Carneiro, 2002, p. 174), traz uma acentuada desvantagem no mercado afetivo, por conta do desinteresse de homens brancos e abandono dos homens negros por elas¹⁰.

A memória dos relatos sobre as violências nas relações afetivas geralmente começa na adolescência das mulheres negras. Relatam que desde cedo foram preteridas e deixadas de lado por garotos negros e brancos. Na festa nunca eram tiradas para dançar; na quadrilha da festa junina faziam par com outra menina, pois os meninos se recusavam a dançar com elas; preta, beijuda, cabelo de Bombril, tanajura, macaca, eram alguns xingamentos que recebiam; na festa de 15 anos (quando tinha festa) dançavam com o tio mais velho, não havia nenhum menino, negro ou branco, da sua idade que quisesse dançar com elas.

Na fase adulta, mulheres negras com poucas ou muitas conquistas materiais sofrem de um mesmo problema: “a solidão da mulher negra”. Mulheres negras são preteridas, apontam estatísticas, trabalhos acadêmicos¹¹. Mas o que isso significa efetivamente na vida dessas mulheres? Estamos refletindo e buscando possíveis soluções que dê conta dessa solidão? Um dos argumentos é a falta de amor. As violências que acometem muitas mulheres negras como os estereótipos, o desprestígio sobre o seu corpo, sua beleza, suas capacidades e toda violência subjetiva provocada pelo racismo, colocam estas mulheres numa situação incômoda de neutralização do amor. Mulheres negras têm muitas barreiras para ultrapassar, muitas lutas a travar: educação, família, classe, representatividade, militância. O amor se torna supérfluo.

10 Ver também sobre o tema Laura Moutinho, 2004.

11 Ver Elza Berquó, 1988; Laura Moutinho, 2004, entre outros.

Contra a falta de amor ou o não direito de exercer o amor, é que há um levante de mulheres negras refletindo e buscando meios de romper essa solidão que nos foi imposta, e apontar que a “solidão da mulher negra” é um problema estrutural em nossa sociedade. bell hooks (2006) aponta que muitas mulheres negras dizem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Que no processo de escravização, negras e negros tiveram que conter suas emoções para sobreviverem, isto nos trouxe um enorme prejuízo.

É compreensiva a questão que bell hooks traz. Não são raras as vezes que mulheres negras dizem estar sozinhas e que são felizes assim. Que há coisas mais importantes que uma relação afetiva-sexual. Que o amor de mãe, de irmã, o amor pelas causas negras já as preenchem totalmente. Acredito que o que está imbuído nessas falas é uma tentativa de neutralizar essa violência afetiva que elas vivem. As falas podem ser verdadeiramente sinceras? Sim. Mas até quando é possível viver sem amor, sem este amor afetivo que estamos tratando aqui?

Mulheres negras que estão refletindo e travando batalhas contra “a solidão da mulher negra” apresentam alguns argumentos, um deles é o neologismo “palmitagem”. Stephanie Ribeiro (2015) aponta que:

PALMITEIRO é uma palavra que quebra o mito da sociedade racialmente democrática e miscigenada. Onde “amor não tem cor”, com apenas essas 10 letras se questiona machismo, privilégios, imposições afetivas e manutenção de um padrão estético eurocêntrico; e se coloca em evidência uma realidade estrutural e cruel que se quer velar: a solidão da mulher negra. *Palmitagem* é um neologismo usado por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros cis hétero que estão envolvidos com mulheres brancas, principalmente por eles estarem numa posição de privilégio em relação à opressão de gênero. Não, eu não estou negando que homens negros sofrem racismo! Estou afir-

mando que não sofrem machismo, e isso lhes permite usufruir do privilégio de fazer determinadas escolhas.

Ribeiro (2015) aponta que embora mulheres e homens negros sejam acometidos pelo racismo, a perversidade da democracia racial e a fantasia da miscigenação colocam os homens negros em vantagem de escolha das suas relações afetivas. É comum ver negros acompanhados de mulheres brancas em todos os segmentos da sociedade. E esse modelo de casal interracial é reforçado e contemplado, inclusive, e, principalmente, pelos próprios homens negros. Acredito que esse reforço é contemporâneo¹².

Nesse contexto da *palmitagem*, homens negros estão sendo chamados para discutir essa questão. A aderência, por enquanto, é muito baixa. Se por um lado, a questão de gênero, dos privilégios que homens desfrutam na nossa sociedade, os afastam dessa reflexão e embate; por outro lado, mulheres brancas, que também desfrutam dos privilégios e hierarquias construídas e reforçadas pelo racismo, afastam-se e, por vezes, ironizam o debate. Acredito que os homens brancos, a maior parte deles, nem sequer sabem do que estamos falando, tal o seu afastamento das mulheres negras.

Tem mais um lado importante: as reflexões sobre a solidão da mulher negra estão no campo da heterossexualidade, a ideia clássica do casal homem/mulher é o foco dos debates. Será que isso também é uma forma de violência afetiva? Essas reflexões e embates que marcam o corpo, os sentimentos, a mente, as relações podem ser vistos como tipos de violências provocadas pelo racismo, cotejada e reforçadas no cotidiano, eu nomeio de "violência afetiva", mesmo que a palavra violência não seja dita diretamente.

12 Sobre o tema ver Moutinho, 2004.

“Cena 2: periferia Segue Sangrando” com gênero, raça e violência

“Um beijão pras malokera, um beijão pras travesti” (Trecho da música Um beijo, de Mc Xuxu) eram os dizeres que acompanhavam um útero de 2 metros grafitado num tecido exposto logo na entrada do Bloco do Beco. Aconteceria ali, domingo, dia 06 de março de 2016, mais um evento “Periferia Segue Sangrando” no Jardim Ibirapuera, bairro do distrito São Luís, zona sul de São Paulo.

A Associação Bloco do Beco foi fundada em 2003, quando um grupo de moradores, sobretudo sambistas, decidiu fortalecer o tradicional carnaval de rua local que naquele momento parecia se perder, conforme descrito no histórico do site institucional¹³. Desde então, diversificaram-se as linguagens culturais e passaram-se a se desenvolver atividades voltadas sobretudo para crianças e adolescentes. Devido ao seu caráter fortemente “comunitário” e “democrático”, como afirmam pessoas que circulam em torno dessa instituição, diversas jovens lideranças da região sul (distritos do Jardim São Luís, Capão Redondo, Jardim Ângela e Campo Limpo) começaram a “colar” e a instituição se tornou um espaço de reuniões e articulações de coletivos locais importantes. O “Periferia Segue Sangrando” nasceu nesse cenário.

O “Periferia” é um evento criado em 2015 tendo em vista dar significado a “um dos dias mais vexatórios do calendário”, que é o 8 de março. Conforme afirmam as organizadoras:

com toda essa nojeira universal sobre a mulher e seu papel social, as mulheres da periferia resolveram dar seu grito emancipatório e programar um evento onde nada teria mais valor do que passar o 8 de março compartilhando nossos saberes, nossa fome, nossas alegrias e as dores gigantes

13 <http://www.blocodobeco.org/> (Último acesso em 04/05/2016).

que vivemos diariamente. Partilhar nossa experiência, nossas músicas, nossa arte e nosso conhecimento na busca de uma pedagogia feminina, num jeito de ser e fazer o que é nosso e ao mesmo tempo nos é negado¹⁴.

O evento é organizado por mulheres da região, sobretudo, jovens de coletivos feministas das periferias.

Nesse domingo, então, houve mais um desses encontros com uma programação que tomou o dia todo com atividades voltadas, em sua maioria, para mulheres, embora algumas fossem abertas e outras específicas para homens, mas todas relacionadas à problematização do machismo. O início do evento estava marcado para às 10h, mas quando começou já eram quase 13h. E esse não é um problema para a organização que segue uma linha de que as "coisas devem acontecer no seu tempo". Aparentemente as pessoas não se incomodavam por esperar. O Bloco, apesar de pequeno, é muito acolhedor. Com funks tocando ao fundo, as mulheres conversavam despreocupadamente, já que quase todas se conheciam. A esmagadora maioria dos presentes eram mulheres que se autodeclaravam negras. Muitas delas com nível superior e/ou artistas. Quase não havia mulheres brancas.

A primeira atividade programada, em que homens também poderiam estar presentes, foi a apresentação de uma pesquisa realizada por outro coletivo feminista, o "Fala Guerreira", composto por várias mulheres que ali estavam. Esse coletivo vem realizando um levantamento de dados para conhecer como é a vida cotidiana das mulheres do Jardim Ibirapuera e como elas percebem o feminismo. Esse projeto foi contemplado pelo VAI – Programa Municipal de Valorização à Iniciativas Culturais¹⁵ protagonizadas por jovens. Além de dados socioeconômicos, foram apresen-

14<http://cdhep.org.br/relato-do-8-de-marco-periferia-segue-sangrando.html>

15<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>

tadas informações sobre a divisão do trabalho, relacionamentos, percepção do que é ser mulher (aspectos positivos e negativos) e sobre o feminismo. As mulheres do coletivo estavam presentes, mas as mulheres entrevistadas não, o que as participantes do “Fala Guerreira” reconhecem como desafio: chegar nas mulheres em condições de maior vulnerabilidade, vítimas de violência, empregadas domésticas, mulheres trabalhadoras, do lar, etc.

Após a apresentação foi servido um almoço com cardápio vegano e depois mais um intervalo com atividades. Nesse momento, mais pessoas chegavam. As mulheres e alguns homens, cerca de 50 pessoas no total, dividiam-se no apertado saguão do Bloco do Beco para breves oficinas de grafite, crochê, instrumentos musicais e poesia. Confesso que nesse momento prestei pouca atenção no que acontecia ao redor, pois fiquei responsável em desenvolver uma das oficinas, a de crochê. Mas pude ver, que mesmo estando apertadas naquele espaço, as mulheres estavam bem envolvidas umas com as outras e com as atividades. Crianças corriam de um lado para outro. Um espaço aconchegante e familiar.

Eu mesma me senti num lugar íntimo, mas novo. Novo, pois não estava no meu lugar social de costume e segurança, onde o conhecimento ou fala eram as competências exigidas e reconhecidas, como em formações, discussões políticas, militância. Estava partilhando algo íntimo, que não conto à muita gente que faço e que está associado diretamente a minha infância e minha mãe. Confesso que de início fiquei um pouco constrangida, mas aos poucos foi se tornando muito familiar, pois quando vi estava rodeada de mulheres feministas interessadas em pegar nas agulhas. As falas sobre mães e avós eram intercaladas por silêncios ou por observações sobre a própria habilidade ou inabilidade com a tarefa. Essa experiência de desconstrução do lugar social era o objetivo do encontro: compartilhar histórias que aproximam as mulheres, apesar de suas diferenças e trajetórias, pelo fato de serem mulheres.

Lá pelas 17 horas começamos a terceira atividade do dia. Ainda homens e mulheres partilhando o mesmo espaço foram convidados a formarem duas fileiras, uma em frente à outra. Entre essas duas fileiras foram colocadas duas retas de fitas adesivas no chão. A responsável pela atividade pediu para que as e os participantes, neste momento mais de 60, pensassem em situações em que haviam sido rejeitadas e rejeitados. Ela fez perguntas sobre sentimentos, reações, sensações, etc., relacionadas a esse episódio pedindo para que as pessoas dessem passos à frente, caso a resposta fosse positiva. E deu-se início a uma estranha dança em que os corpos se movimentavam a cada pergunta. Várias mulheres se emocionaram. Todas se movimentavam. O encontro tinha uma forte intenção de proporcionar o resgate de histórias individuais de sofrimento relacionadas à reprodução de violência de gênero e ao racismo, compartilhá-las e propor “espaços coletivos de segurança e cura”.

Na atividade seguinte as pessoas distribuíram-se em três grupos, um de homens e dois de mulheres. Formaram-se os círculos em que as participantes se aprofundariam nas histórias de rejeição. Participei de um desses círculos como facilitadora (termo que se dá a quem conduz um círculo - atividade inspirada nas práticas restaurativas muito empregadas na região a partir da difusão feita por uma ONG local, CDHEP, Centro de Direitos Humanos e Educação Popular)¹⁶. O objetivo era o de fazer perguntas sobre essas histórias pedindo para que as mulheres falassem sobre elas mesmas, relacionando as narrativas com alguns elementos que estavam no centro do círculo: água, terra, pedra, incenso, água, trama de tecidos (nó) e fogo. Histórias de abandono de todas as formas, racismo, abuso sexual, violência física e psicológica, cujos os agressores, em sua esmagadora maioria, eram homens da família, pai ou companheiros, foram narradas. Mas falaram também sobre prisão, universidade, trabalho, como

16 <http://cdhep.org.br/2015/>

locais de rejeição. Quase todas as mulheres relacionavam sua dor à pedra ou ao nó. A fala era conduzida por uma “peça de fala”, objeto utilizado nessa prática circular em que só fala quem está com ela nas mãos. Nesse círculo foi escolhida uma boneca de pano negra como peça. A boneca passava de mão em mão acompanhando as histórias e as lágrimas. O círculo foi encerrado com as mulheres massageando as mãos umas das outras.

Depois dos círculos, seguimos em cortejo pelo bairro, conduzido pelo grupo de maracatu formado por jovens do Bloco Do Beco, o Baque & Atitude. Descemos por uma das ruas que saem de um grande cruzamento, onde inclusive é o terminal de ônibus, e seguimos sentido aos becos. Em menos de 100 metros havia duas igrejas evangélicas de onde religiosos nos olhavam com olhar de reprovação. Principalmente para os tambores e para as roupas dos integrantes do grupo que reafirmavam a cultura afro.

Pessoas saíam às janelas, jovens nas esquinas olhavam com surpresa o cortejo, algumas vezes zombando do maracatu, outras ensaiando alguma interação. Fiquei surpresa com esse estranhamento dos moradores com relação ao maracatu, tendo em vista que ele é da região, mais precisamente localizado a alguns quarteirões de onde estávamos.

A cada esquina o cortejo parava para declamar a ladainha “Nossas Senhoras da Periferia”:

Mãe dos filhos negros - Lutamos com vós!
Mãe dos filhos sem pai - Lutamos com vós!
Mães que abriram mão de seus filhos - Lutamos com vós!
Mãe dos filhos assassinados - Lutamos com vós!
Mãe dos filhos descalços - Lutamos com vós!
Mãe das crianças sem creche - Lutamos com vós!
Mulheres dos abortos clandestinos - Lutamos com vós!

Maria dos sexos forçados - Lutamos com vós!
Maria dos anseios - Lutamos com vós!
Maria dos corpos violados - Lutamos com vós!
Maria dos abandonos - Lutamos com vós!
Maria das jornadas duplas - Lutamos com vós!
Maria das dores - Lutamos com vós!
Maria dos partos violentos - Lutamos com vós!
Maria das ocupações periféricas - Lutamos com vós!
Maria das lutas e coletivos - Lutamos com vós!
Rainha das empregadas domésticas - Lutamos com vós!
Rainha dos bares - Lutamos com vós!
Rainha dos homens - Lutamos com vós!
Rainha curandeira - Lutamos com vós!
Rainha do lar - Lutamos com vós!
Filhas do corpo reprimido - Lutamos com vós!
Maria de todas as Silvas - Lutamos com vós!

Homens, sejam coparticipantes desta luta – estamos com vós!

Deusas e deuses, a vós suplicamos que vossas mulheres sejam ouvidas e que conceda a força para continuarmos na batalha firmes e fortalecidas, agraciadas pelo empoderamento nosso de cada dia. Amém, axé, awere!

Muitos homens observavam a cena, mas não consegui perceber as reações, fiquei mais interessada nas mulheres. Muitas evangélicas, muitas, que eram obrigadas a passar em meio ao cortejo nas ruas estreitas, levavam no rosto um declarado incômodo. Enquanto outras mulheres, nas ruas ou janelas, com expressão de maior aceitação ou cumplicidade. Mas o que mais me chamou a atenção foi a grande quantidade de mulheres olhando por frestas das portas e janelas, nos quartos escuros, escondidas, sobretudo quando entramos nos becos mais estreitos. Motoristas apressados buzonavam em seus carros, os de motos se enfiavam

entre nós agressivamente. Era visível o desconforto causado, sobretudo aos homens. Durante o percurso era derramada tinta vermelha nas ruas para simbolizar o “sangue que não estanca” e foram feitas ainda algumas pichações.

O cortejo foi encerrado com a leitura do “Manifesto Periferia Segue Sangrando”¹⁷ e com uma enorme ciranda que paralisou o trânsito naquela rotatória. O evento teve seu encerramento com uma cervejada e samba no bar do Ceará, o *point* da região, onde alguns homens amigos e companheiros de mulheres que participavam do evento passaram o dia.

Considero o “Periferia Segue Sangrando” como uma culminação das redes, coletivos, discursos sendo produzidos por mulheres da região que lutam para combater a violência contra as mulheres, o racismo, sobretudo as formas que este afeta as mulheres negras, através do genocídio dos jovens negros: articulando a partir da fala/sofrimento das mulheres, o corpo, a subjetividade e “o feminino”. Esses coletivos de jovens mulheres esforçam-se por construir um lugar de acolhimento, de fala e de (re)construção de si. Observo isso nas mulheres que foram construindo esses lugares, como observo isto também em mim.

Sendo assim, talvez seja oportuno destacar que o “Periferia Segue Sangrando” está conectado à emergência de diversos coletivos de mulheres jovens que surgem nas periferias, sobretudo nos últimos anos. No dia do evento estavam presentes mulheres destes outros coletivos: “Nós, mulheres da periferia”, “Negra Sô”, “Núcleo de Mulheres Negras”, “Food das Mina”, entre outros. As pautas assumidas por esses coletivos levantam questões que seriam específicas das mulheres da periferia, sobretudo negras e pobres. Daí a discussão sobre uma subjetividade marcada pelo racismo; as violências física e psicológica presentes em todas as

17 <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10206143157874058&set=gm.979432425474741&type=3&theater>

esferas da vida, privada e pública, a falta de amor, a solidão se consolidarem nos temas que conduzem as ações. Por exemplo, a questão da força das mulheres negras, e pobres, é uma discussão ambígua, que por um lado é reconhecida como uma necessidade forjada para reagir frente às múltiplas violências e se constitui em uma dimensão positivada sobre subjetividade; mas, por outro lado, estas mesmas mulheres reivindicam a possibilidade de fragilidade, a necessidade de acolhimento, cuidado e amor. O "Periferia", e mais alguns coletivos da região que tive contato, como "Capulanas" e o "Núcleo de Mulheres Negras", orientam suas ações buscando construir espaços de escuta e acolhimento, ou sororidade e cura, entre as mulheres. Há uma grande preocupação com os efeitos do racismo e do machismo na subjetividade, no corpo e nas relações das mulheres. História de vida, sentimentos, dor, cura, estão presentes no contexto.

Busca-se com isso, lugares para falar sobre si, mas este "falar sobre si" não significa uma narrativa heroica individual do eu, mas uma identidade que nasce da comunidade, como afirma Anne McClintock em seu livro "Couro Imperial", citando Mary Mason:

A despeito de suas muitas variações, diz ela, autobiografias femininas tipicamente apresentam o eu como identidade através da relação. Essa relação não é de dependência ou de dominação, mas antes de reconhecimento, pelo qual a manifestação do eu surge pela identificação com algum outro, que pode ser pessoa, família ou comunidade. (2010, p. 456).

Aqui não se trata de biografia, mas sim de partilha de histórias em que as mulheres se reconhecem pelo sofrimento. Assim, nos círculos, todas possuem episódios em que são vítimas do machismo e/ou racismo: trata-se de um feminismo, então, fortemente influenciado pelo feminismo negro, mas que traz a questão da periferia de modo muito contundente: revelando as vulnerabilidades maiores das mulheres da periferia às violências, mas também a periferia numa dimensão positiva de cria-

tividade, potência e pertencimento. Essa ideia de periferia foi sendo forjada por diversos movimentos culturais, coletivos e ativistas que ressaltam um discurso e uma estética “periférica”: hip hop, saraus, grupos de teatro, etc. Aqui as questões de gênero, raça, sexualidade e classe estão completamente articuladas, evidentes e nomeadas. Fala-se de mulheres periféricas, negras e pobres. Além da presença e pauta das lésbicas e transexuais.

O objetivo dessas mulheres engajadas no “Periferia” é o de se comunicar com as mulheres “da quebrada”, sejam elas com formação superior e engajadas em movimentos sociais, como a maioria das participantes do encontro; sejam elas mulheres mais velhas, ou mais jovens, ou com baixa escolaridade, trabalhadoras, etc. O primeiro encontro, em 2015, contou com a presença de várias mães das participantes. Neste, esta presença foi menor.

Por fim, acho importante destacar que “Periferia Segue Sangrando” é também uma menção ao sangue derramado de jovens assassinados na região. Então, o sangue menstrual se mistura ao sofrimento causado pela perda de um filho: é o sangue que não estanca, seja ele do “potencial criador feminino” representado pelo útero, que é a marca do evento, seja pelas violências cotidianas que se sobrepõem nos corpos e almas das mulheres periféricas.

Cena 3: a periferia lança um olhar sobre São Paulo: a rede “irradiações”

A ideia para este artigo veio da sala de aula. Eu ministrava a disciplina Antropologia da Guerra no PPGAS\USP, no segundo semestre de 2015, quando conectei alguns dos comentários e reflexões das duas alunas e pesquisadoras ao que eu mesma vinha vivendo, observando e estudando. Assim, a narrativa a seguir foi elaborada a partir de experiências diretas partilhadas com as outras duas autoras.

Em janeiro de 2016, a convite delas, compareci a uma das reuniões da Rede Irradiações: um projeto que pretende colocar em diálogo e contato diferentes metodologias que se voltem para mulheres negras e latino-americanas (cartografia, eutonia, perdão, etc). A ideia, gestada em reuniões anteriores, era de produzir diferentes ações no dia 25 de junho – dia da mulher negra latino-americana e caribenha.

Logo no momento inicial, em que todas nós nos apresentamos, foi impossível não comparar aquelas falas às das feministas e militantes do movimento negro carioca que conheci e convivi na década de 90. Algumas das questões são similares, para não dizer iguais, mas a compreensão era distinta e o empoderamento delas, visível. Todxs se apresentaram lançando mão de uma profunda reflexividade. Se em outros carnavais, falou-se de “vitimização” – advinda do caráter contestatório e reivindicativo do movimento negro rearticulado em fins de 1970 (Flávia Rios, 2012) – ou sobre as alianças estabelecidas pelos movimentos sociais (Paulo Neves, 2005), nessa reunião, a reflexão sobre si e seu lugar num sistema de opressão e desigualdade, mobilizava experiências de vida, textos acadêmicos, ações dos movimentos sociais. Em uma das falas, o corpo se impôs através de uma mulher negra: “eu faço a resistência e sou a resistência. Meu corpo é e faz a resistência”. O Estado “assassino” era também reconhecido, não sem pesar, como o que produziu políticas de inclusão. Toda essa ambiguidade veio à superfície quando uma das participantes contou o caso da mãe que entregou o filho à polícia, não somente pelo crime que ele havia cometido, mas também por ter a esperança de, com este gesto, salvá-lo.

Se num primeiro momento, achei que as mulheres eram mais articuladas que os homens (elas mobilizavam seus corpos, cores e raças, cabelos crespos, suas relações afetivas, sexuais, familiares) nas reuniões seguintes notei que também eles se colocavam em questão quando precisavam mediar seu tempo de fala com o delas. Em situações em que dois falavam ao mesmo tempo, eles recuavam para não cortar a voz de uma mulher e, em momentos

diversos, apresentaram um contundente discurso contra as instituições. Esses rapazes negros, que se expressavam através da morte, que os assombrava (a polícia e o estado estavam à espreita) e da poesia, ora pareciam não acreditar em suas condições de acesso a estas instituições, como a universidade, por exemplo; ora expressavam, num tom jocoso e niilista, uma falta de sentido neste tipo de inserção, que não resultaria em mudanças concretas para os que vivem na periferia de São Paulo.

Nesse formato de reunião, foi possível notar a incorporação ou absorção local de um certo tipo de justiça restaurativa. Havia um eco daquela linguagem e forma de agir naquelas narrativas. Não a menciono pelos objetivos assim expressos, mas por reconhecer o discurso e seus mecanismos nas propostas de ações em rede, nos questionamentos acerca da pouca eficácia da judicialização dos conflitos e ao investir numa forma de superação da violência - que idealmente também seria uma maneira de preveni-la - através do contato entre aquele que foi vitimado e o que causou o dano. A ideia é crítica à prática da punição e investe em outras maneiras de se administrar as perdas e lesões causadas. O potencial transformador dessa proposta é enorme, uma vez que coloca os sujeitos para repensar as estruturas sociais mais amplas, os males causados e a si próprios neste processo.

Cura é uma palavra central nos processos de justiça restaurativa: o sujeito pode “curar-se”, os danos causados podem ser “curados”. Nota-se que se na justiça tradicional (punitiva) o ato, o mal causado, impõe uma pena - e, aqui, o ato que viola uma norma legal é o operador lógico do processo -, na justiça restaurativa, o ato ou o crime foi dirigido à pessoa e às relações interpessoais. Na justiça punitiva nota-se a centralidade do Estado. Na restaurativa, o sujeito, as relações e a sociedade são o foco: o criminoso está inscrito no social.

Parece-me, deste modo, que vem sendo gestado um tipo de militância na periferia que se difere de modo significativo de outros

processos que já pesquisei e vivi, com ênfase na sororidade, sem dúvida, mas igualmente na reconstrução de si. Nos termos de Veena Das (2007) esta talvez seja uma forma de se conter aquilo que a autora chamou de "conhecimento venenoso", resignificando e renomeando a violência e a exclusão cotidianas e suas zonas de silêncio e cristalização da dor, através de uma fala e do corpo continuamente reescritos no mapa de relações sociais.

Palavras finais

Em artigo recente sobre interseccionalidade e os marcadores sociais da diferença, escrito por uma das autoras (Moutinho, 2014), após um amplo levantamento no "Jstor", no Scielo, na "Cadernos Pagu", na "Revista Estudos Feministas", "Estudos Afro-Asiáticos", no lattes de alguns pesquisadores e em GTs da RBA, este cenário aparece organizado a partir de três eixos: 1) o da (re)construção dos Estados nacionais e de certas representações de nação; 2) o campo dos direitos humanos: da regulação à construção de sujeitos de direitos; e 3) o das identidades subjetivas, do espaço de agência, do cuidado de si e da inserção em novas ou renovadas redes de sociabilidade.

Nesse último eixo, a base da reflexão foram os escritos de mulheres com especial destaque para bell hooks, cujos textos circulam na internet e foram citados em diferentes reflexões. O seguinte excerto do artigo explicita o ponto central da análise:

Se com Crenshaw os mecanismos jurídicos que articulam raça e gênero ganham inteligibilidade, na leitura intimista e persuasiva de bell hooks um indivíduo concomitantemente distante e comprometido com sua realidade é produzido através da auto e da heteroconfrontação e de uma perspec-

tiva crítica acerca da produção do conhecimento, das redes institucionais e da sociedade burguesa. Ainda de autoria de bell hooks é possível encontrar em português um pequeno ensaio intitulado *Vivendo de Amor*. O texto é eloquente: opera com uma perspectiva atemporal de amor (ou sua falta), remetendo-o à experiência da escravidão [estadunidense]. O sistema escravocrata que está na origem do sofrimento e “das dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar” cultivou entre os afro-americanos uma experiência de intimidade voltada para o sentido prático e o controle das emoções. O amor é então perscrutado da escravidão aos dias atuais e através da articulação entre público e privado é reivindicado como um ato de descolonização e uma ação contra a opressão. (Moutinho, 2014).

As experiências paulistanas anteriormente narradas não são localizadas. Há coletivos negros, feministas, explodindo em inúmeros espaços sociais em diferentes cidades brasileiras. As redes sociais têm produzido campanhas de grande eficácia e abrangência como o #meuamigosecreto ou o #meuprimeiroasésdio nas quais um número significativo de usuárixs, em especial, as mulheres cis, denunciaram e publicizaram situações de discriminação e opressão.

Nos espaços frequentados pelas autoras foi possível notar que, diferentemente daquele anteriormente identificado no contexto estadunidense, está em curso um processo que talvez traga influências das ações de justiça restaurativa, marcado por profunda reflexividade, com foco no indivíduo e no sofrimento, que vem produzindo um incontornável processo de “empoderamento” ao fornecer um repertório poderoso para interpelar diferentes formas de desigualdade e de opressão.

Referências Bibliográficas

- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. *Revista Afro-Asia*, No23, 2000, p.347-370.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: *Gênero, democracia racial e sociedade brasileira*, ORG. BRUSCHINI, Cristina; UNBERHAUM, Sandra G.. Fundação Carlos Chagas, 2002.
- CRAPANZANO, Vincent. "Estilos de interpretação e a retórica de categorias sociais". In: MAGGIE, Yvonne & RESENDE, Cláudia (Org.). *Raça como Retórica: a construção social da diferença*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. p. 441-457.
- CHO, Grace M. *Haunting the Korean Diaspora: Shame, secrecy and the forgotten war*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- CLOUGH, Patricia Ticineto & HALLEY, Jean O'Malley (eds), *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham: Duke UP, 2007.
- DAS, Veena. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. University of California Press: Berkeley, Los Angeles, London, 2007.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.
- HOOKS, bell. Vivendo de Amor. Tradução Maísa Mendonça. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> última visualização: 04/05/2016.
- LUTZ, Catherine. Antropologia com emoção. *Mana* [online]. vol.18, n.1, pp. 213-224, 2012.
- TRAJANO FILHO, Wilson. Goffman en Afrique. Les cortèges des tabancas et les cadres de l'expérience. *Cahiers d'Études Africaines*, v. 201, p. 193-236, 2011.
- McCLINTOC, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- MOUTINHO, Laura. *On The other side?* Das implicações morais de certos horizontes imaginativos na África do Sul. *Anuário Antropológico*, 2014 II, dezembro de 2015.
- MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 42, p. 201-248, 2014

MOUTINHO, Laura.. *Razão, "Cor" e Desejo: uma Análise Comparativa sobre Relacionamentos Afetivo-Sexuais "Inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

NEVES, Paulo Sérgio da C.. Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 20, n. 59, p. 81-96, out. 2005.

REZENDE, Claudia Barcellos & COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

RIBEIRO, Stephanie. Tu Palmitas, e nós Preteridas. Disponível em: <http://almapreta.com/o-quilombo/tu-palmitas-e-nos-preteridas/> última visualização: 04/05/2016

RIOS, Flavia. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). *Lua Nova*, São Paulo, n. 85, p. 41-79, 2012

Recebido em 30/04/2016

Aprovado em 30/05/2016